

**SINTOMAS DEPRESSIVOS PERCEBIDOS POR PROFESSORES DE
DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DO INTERIOR DE RONDÔNIA,
AMAZÔNIA, BRASIL**

**Depressive symptoms noticed by teachers in two public schools in the countryside of
Rondônia, Amazônia, Brazil**

**Síntomas depresivos percibidos por docentes de la educación básica de dos escuelas
públicas del interior de Rondônia, Amazonía, Brasil**

Cássia Regina de Lima Beijo - Fundação Universidade Federal de Rondônia

Josiane Alves Rolim - Faculdade de Rolim de Moura – FAROL

Eraldo Carlos Batista- Faculdade de Rondônia – FCR

Cássia Regina de Lima Beijo

Graduada em Pedagogia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia
cassia2014beijo@gmail.com

Josiane Alves Rolim

Graduada em Psicologia pela Faculdade de Rolim de Moura – FAROL
josiane_rolim20@hotmail.com

Eraldo Carlos Batista

Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia
Professor do Departamento de Psicologia da Faculdade de Rondônia – FCR
Rua 7ª, nº 97N, Jardim do Amor, Tangará da Serra – MT, CEP 78300.000

Resumo

O objetivo com este estudo foi compreender os sentidos produzidos sobre a manifestação dos sintomas depressivos a partir do discurso de seis professores do ensino fundamental de duas escolas da rede pública do interior do Estado de Rondônia. A presente pesquisa foi delineada por meio de uma abordagem qualitativa do tipo descritiva. As análises do material empírico foram realizadas com base na Análise do Discurso orientada pela Psicologia Discursiva. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados entrevista semiestruturada, caderno de campo e observação sistemática. Por meio dos discursos dos participantes desta pesquisa foram identificados os seguintes repertórios interpretativos: a) a desvalorização profissional e o adoecimento psíquico; b) a percepção docente quanto à depressão; e c) a prática docente e os problemas emocionais vivenciados no âmbito escolar. Conclui-se que as condições inadequadas de trabalho e a desvalorização profissional são percebidas pelos professores como principais fatores relacionados ao adoecimento psíquico.

Palavras-chave: depressão; professor; trabalho docente

Abstract

The objective of this study is to understand the senses produced on the manifestation of depressive symptoms from the discourse of six teachers of two public elementary school in the countryside of the state of Rondônia. This research was outlined through a qualitative and descriptive approach. The empirical material analysis was performed based on the Discourse Analysis oriented by the Discursive Psychology. As data collection instrument were used semi structured interviews, field notebook and systematic observation. Through the participants' discourses, in this research was identified the following interpretative repertoire: a) professional devaluation and mental illness; b) teachers' perception as for

depression; and c) teaching and the emotional problems experienced in schools. It is concluded that inadequate work conditions and the professional devaluation are noticed by the teachers as the main factors related to mental illness.

Keywords: depression; teacher; teaching work

Resumen

El objetivo de este estudio fue comprender los sentidos producidos sobre la manifestación de los síntomas depresivos a partir del discurso de seis docentes de la educación básica de dos escuelas de la red pública del interior del Estado de Rondônia. Esta investigación fue diseñada por medio de un abordaje cualitativo del tipo descriptivo. Los análisis del material empírico fueron realizados en base al Análisis del Discurso orientado por la Psicología Discursiva. Como instrumentos de recolección de datos fueron utilizados la entrevista semiestructurada, el cuaderno de campo y la observación sistemática. Por medio de los discursos de los participantes de esta investigación fueron identificados los siguientes repertorios interpretativos: a) la desvalorización profesional y el enfermarse psíquico; b) la percepción docente cuanto a la depresión; y c) la práctica docente y los problemas emocionales experimentados en el contexto de la escuela. Se concluye que las condiciones inadecuadas de trabajo y la desvalorización profesional son percibidas por los docentes como principales factores relacionados a las enfermedades psíquicas.

Palabras clave: depresión; docente; trabajo docente

Introdução

Etimologicamente a palavra docente vem do latim e deriva-se do termo *docens-entis*, que, por sua vez, deriva-se de *docêre*, que significa ensinar e tem função de possibilitar o conhecimento científico aos discentes, ou seja, apresentar uma determinada ciência ou arte da melhor maneira possível para que o indivíduo possa apreender a pesquisa satisfatoriamente (Cunha, 2010). No entanto, o conhecimento científico difere do senso comum, por ser sistematizado e determinado a partir de métodos e estudos de variadas ciências, como Física, Sociologia, História, Matemática, Artes, entre outras, e o docente precisa dominar a área que se propõe a trabalhar, mesmo diante das variáveis que possam acontecer no decorrer de sua vida.

Freire (2013, p. 55) relata: “Como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. [...] Minha *franquia* ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento.” Nessa ótica, segue-se o entendimento de que toda a sociedade humana é regida por determinada educação, como esta chamada cultura que se molda a partir das relações inter-sociais dos indivíduos.

Como afirma Kruppa (2017), ninguém escapa da educação. Em todos os campos esbaramos nela, na escola, no emprego, na rua, na igreja, na vida; de todas as formas em todos os lugares estamos aprendendo ou ensinando. Portanto, ser professor não é um dom, ser professor é estar em constante aprendizado, é ter a convicção de não estar pronto, mas em transformação, é saber que, mesmo com a desvalorização, seu trabalho precisa ser feito corretamente.

A prática docente é muito particular; tratando-se do método do professor dentro de sala aula, não há um manual de instrução. Cada profissional dispõe de um jeito de trabalhar,

ao longo do tempo e, de acordo com cada momento, molda-se e se adapta ao longo da carreira. Nessa condição, o conhecimento não está pronto, mas em constante transformação; por isso não há verdade absoluta. O professor precisa sempre fazer uma “ponte” entre os conteúdos oferecidos para os educandos e os conhecimentos empíricos trazidos por eles e, partindo da realidade, adentrar no mundo científico, considerando que, muitas vezes, o docente se sente singrando por “terrenos” irrealis, tão distantes e inalcançáveis (Freire, 2013).

Dessa forma, o trabalho docente está diretamente ligado ao trabalho imaterial; contudo, nem sempre ele se mantém único e exclusivamente na função determinada. Dependendo do meio social em que o docente trabalha, seu papel vai além do que se propõe a fazer, sobrecarregando várias funções que demandariam muitos outros profissionais, mas que, diante das várias situações, acaba por se obrigar a exercê-las (Lima & Leite, 2013).

A responsabilidade da profissão em discussão é grande, pois se moldam vidas, indivíduos, uma sociedade inteira. Trabalha-se com pessoas e não com objetos, portanto, não há uma linearidade, e, por mais que ele tente, é impossível não se envolver sentimentalmente, pois o docente está totalmente ligado a essa sociedade. Mas o que se vê diante dessas situações é a não valorização desse profissional por parte da sociedade. Nessa perspectiva, Kruppa (2017, p. 134) ressalta que “do lado dos profissionais da educação, dá-se também a negação de sua cidadania, seja pelo rebaixamento salarial progressivo, seja pela desvalorização social, profissional e autoritarismo a que são submetidos pelos órgãos públicos.”

A sociedade se modificou ao longo do tempo e, conseqüentemente, aos poucos foi acumulando novas funções para o profissional docente. Essas mudanças foram mais significativas para o docente do sexo feminino, haja vista que, desde os primórdios, a mulher é vista com “dons” para o cuidados do lar e com os filhos. Tal construção social também é

reproduzida na educação, na qual ainda perpetua a ideia de que as professoras têm “a docilidade” para lidar com as crianças, igualando-se aos dotes de mãe. Em alguns casos, desde as formas culturais, o âmbito educativo é considerado uma extensão do doméstico. E, assim, transforma-se no âmbito público, no qual a imagem da feminilidade identifica o ser mulher com o ser mãe (Diniz, 2001; Louro, 2001; Fernández, 2007). Contudo, as exigências são cada vez maiores, e todas essas questões culminam em uma grande pressão psicológica. Logo, pode-se relatar que são vários os transtornos que acometem o professor, em maior prevalência estes são ansiedade, estresse, síndrome do *Burnout*, transtornos de pânico e depressão, este último em destaque sobre os demais (Tostes et al., 2018).

Depressão e trabalho docente

A depressão é caracterizada pela presença de um humor triste, com alterações somáticas e cognitivas, em que o indivíduo perde a vontade e o desejo por coisas antes prazerosas, e isso afeta sua vida drasticamente (American Psychiatric Association, 2014). Atualmente a depressão afeta mais de 300 milhões de pessoas no mundo, com estimativa de que no Brasil sejam cerca de 17 milhões. Estima-se que 800 milhões de pessoas morrem em decorrência de suicídio a cada ano (OPAS/OMS Brasil, 2018). A doença “depressão”, por ser silenciosa, está matando aos poucos a população.

A depressão é responsável por metade das causas de afastamentos do trabalho de professores do ensino fundamental. Diante dessa realidade, faz-se necessário um olhar diferenciado voltado à categoria docente por parte dos gestores e daqueles que lidam com a educação e a saúde do trabalhador, principalmente no que se refere à saúde mental (Batista, Carlotto, & Moreira, 2013).

A relação entre a qualidade do trabalho e os problemas mentais na classe docente há tempos vem sendo salientada por estudiosos. A sobrecarga de trabalho, a insuficiência de

recursos didáticos, turmas com exagero de alunos e carga de responsabilidade da educação, que em alguns casos são confiadas à escola, são alguns fatores que contribuem para o adoecimento psíquico do professor (Lima & Leite, 2013).

De acordo com Nakamura (2007), a Organização Mundial da Saúde Mental divulgou relatórios acerca dos problemas mentais da população na década de 1990, chegando a atingir até 330 milhões de pessoas. A depressão é considerada o mal do século e a quarta causa mundial de adoecimento; ela aparece por meio de múltiplas faces, atingindo todo tipo de cultura, faixa etária e classe social (Batista, Carlotto, & Moreira, 2013). Dados da Organização Mundial de Saúde expõem que até 2020 a depressão será a segunda causa mais incapacitante do Planeta.

Dessa maneira torna-se fundamental e pertinente falar sobre essa problemática, visto que milhões de pessoas estão em quadros depressivos. Um estudo em Portugal acerca das doenças mentais, realizado pela Universidade de Harvard, Organização Mundial de Saúde e Universidade de Ciências Médicas, que teve como amostra 3.849 pessoas portuguesas, apresentou uma prevalência de 7,9% para as perturbações depressivas em Portugal (World Mental Health Consortium, 2010).

Em um estudo realizado por Batista, Carlotto e Moreira (2013) constatou-se que 51% das licenças são causadas por depressão, os outros 49% ficam distribuídos para outros transtornos mentais. Nota-se que metade dos educadores que se afastaram do trabalho foi em decorrência de um quadro depressivo devidamente diagnosticado que os impossibilitou de continuarem exercendo suas funções diariamente.

O autor supracitado descreve que em João Pessoa (PB), em um universo de 414 fichas médicas de professores da rede municipal de educação entre 1999 e 2006, observou-se que 59,2% dos afastamentos nesse período foram decorrentes de transtornos mentais. Destes,

97,1% eram de profissionais do sexo feminino. Essa mesma pesquisa concluiu que quanto maior a idade do profissional docente, maior a possibilidade de seu afastamento da sala de aula.

Outro estudo realizado por Lima e Lima-Filho (2009) com professores mostrou que os sintomas de maior prevalência foram cansaço mental, 53,9%, estresse, 52,4%, ansiedade, 42,9%, esquecimento, 42,9%, frustração, 37,8%, nervosismo, 31,1%, angústia, 29,3%, insônia, 29,1%, e depressão, 16,8%. Já os estudos de Soares, Oliveira e Batista (2017), Gasparini, Barreto e Assunção (2017), Tokarnia (2015) e Lima e Lima-Filho (2009) têm corroborado dados apontando que os sintomas depressivos atingem a docência em números expressivos, revelando um problema mundial de saúde pública.

A pesquisa realizada por Fonseca, Chaves e Gouveia (2006) aponta que mesmo que os professores demonstrem afetos positivos elevados e um alto nível de satisfação com a vida, obtiveram uma porcentagem alta em depressão. Nesse caso, tais resultados apontam que, apesar de o trabalho do professor proporcionar uma conveniência com pessoas, uma interação social, quando olhado por outro ângulo, muitos docentes acabam levando conteúdos para casa, isso força um estudo aos finais de semana, o que gera uma sobrecarga que os impede de ter uma vida social ativa. Assim, os professores vivenciam momentos de tristeza, desânimo, solidão e melancolia, sintomatologias típicas do quadro depressivo.

Apesar desses aspectos já apontados pela literatura, ainda existem lacunas, pois existem carências de estudos sobre o adoecimento psicoemocional do em regiões carentes e fora dos grandes centros metropolitanos, como por exemplo, a região amazônica, sobretudo em municípios do interior do Estado de Rondônia. Nesses locais, em geral, as dificuldades para lidar com esse tipo de problema são ainda maiores, pelo número reduzido de profissionais habilitados e pela ausência de infraestrutura por parte do serviço público de

saúde.

Diante do exposto no decorrer do texto fica evidente a importância de investigar nos docentes a depressão, pois, mediante seus relatos, suas experiências e adaptações diante da doença, este estudo servirá de alerta a toda a população (Batista, Carlotto, & Moreira, 2013). Sendo assim, é importante analisar como o professor percebe o adoecimento psíquico no decorrer da sua vida profissional cotidiana. Assim, o presente estudo tem por objetivo compreender os sentidos produzidos sobre a manifestação dos sintomas depressivos por meio do discurso de professores do ensino fundamental de duas escolas da rede pública do interior do Estado de Rondônia.

Método

A presente pesquisa foi delimitada por meio de uma abordagem qualitativa do tipo descritiva. Os participantes foram seis professoras de duas escolas municipais que estão em tratamento psiquiátrico e desenvolvendo suas funções trabalhistas, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 – Caracterização do perfil dos participantes, 2018.

VARIÁVEL	DESCRIÇÃO	Nº
Sexo	Masculino	00
	Feminino	06
	Total	06
Idade	26-40	03
	41-60	03
	Total	06
Estado civil	Casada	05
	Divorciada	01
	Total	06
Área de formação	Pedagogia	05
	Educ. Física	01
	Total	06

Tempo de profissão	06	01
	18	01
	19	02
	27	01
	30	01
	Total	06
Carga horaria	40 horas	05
	65 horas	01
	Total	06
Tempo de trabalho na instituição	03	01
	04	01
	07	01
	09	01
	Nenhum	02
	Total	06
Exerce outro tipo de função	Sim	01
	Não	05
	Total	06

Fonte: os autores, 2018.

Os critérios para fazer parte do rol de colaboradores foram: ser profissional docente atuante na educação municipal e encontrar-se em tratamento de depressão. Foram excluídos os docentes que não se encontraram em condições psicoemocionais para responder ao questionário e participar da entrevista. Como instrumentos de coleta de dados foi utilizado um questionário com questões referentes às variáveis sociodemográficas, visando questões como idade, sexo, estado civil, escolaridade, renda familiar, número de filhos, número de pessoas que moram na residência do participante, se é provedor da família, tempo de trabalho como docente, quanto tempo está em tratamento, tipo de depressão e a forma de tratamento.

Também foram utilizadas entrevistas semiestruturadas (Batista, Matos, & Nascimento, 2017).), com dez questões elaboradas pelos pesquisadores, que visaram compreender a percepção do profissional docente quanto ao seu adoecimento no ambiente

de trabalho, como esse profissional lida com essa situação, quais os riscos ocasionados e qual sua perspectiva quanto a sua saúde, bem como quanto a seu ofício. Dessa forma, a elaboração dessas questões não teve como pretensão a promoção de um debate sobre a qualificação diagnóstica de cada participante, mas sim investigar o discurso do senso comum sobre fenômenos psicológicos e da saúde, a partir das orientações fundamentadas pela Psicologia Discursiva (Edwards, 2004).

A partir da concordância dos responsáveis pelas instituições, foi solicitada a assinatura da Carta de Anuência pela direção de cada escola e os nomes dos docentes que precisavam de atendimento psiquiátrico regularmente e permaneciam em pleno trabalho na educação municipal. Após a aprovação do Comitê de Ética, foi feita a busca dos colaboradores nas escolas que aceitaram a proposta, sendo, a priori, somente um em cada instituição. Foram apresentados os objetivos da pesquisa em um ambiente reservado, onde foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sanando todas as dúvidas do participante, deixando claro que não haveria nenhum custo financeiro e nem remuneração pela sua participação e que poderia desistir de participar do estudo em qualquer momento.

Porém, após as primeiras entrevistas, as próprias colaboradoras foram indicando outros possíveis sujeitos para compor o rol de participantes da pesquisa, e, com o primeiro contato realizado, mostraram-se interessadas em participar, logo, foram apresentados os interesses da pesquisa e posteriormente realizados os mesmos procedimentos dos primeiros colaboradores. Todas as entrevistas ocorreram dentro do ambiente escolar no dia e horário do planejamento do profissional, por sugestão dos próprios colaboradores e da gestão escolar. Foi uma conversa agradável em que todos se sentiram à vontade para falar o que quiseram a partir das perguntas semiestruturadas, previamente elaboradas para a entrevista.

As análises do material empírico foram realizadas por meio da Análise do Discurso orientada pela Psicologia Discursiva, proposta por Potter e Wetherell (1987). Nessa perspectiva, os autores supracitados descrevem dez etapas na análise do discurso, que não devem ser consideradas sequenciais, mas como uma forma didática de compreender as várias questões e tarefas comuns ao trabalho de análise (Rasera, 2013).

O roteiro se inicia desde por questões simples, como os motivos pelos quais seguiu carreira docente, até a percepção dos sintomas da depressão, abrindo um leque para que pudesse expor além do que sabia sobre as causas e estágios em que esteve sua doença, sem sentimento de invasão de privacidade. Foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas, e, após a gravação, estas foram transcritas na íntegra, até mesmo os aspectos visuais do participante, como choro, exaltação, instabilidade quanto ao assunto, nervosismo, emoção, etc.

A pesquisa seguiu todas as recomendações éticas, de acordo com a Portaria n. 510/2016. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Rondônia, sendo aprovado pelo Parecer n. 2.762.018 e pelo CAAE n. 87356018.4.0000.5300, e, para preservar o anonimato e o sigilo de cada participante, foram adotados nomes fictícios em suas identificações.

Análise das Entrevistas

Desvalorização profissional e adoecimento psíquico

Nesse repertório observou-se que a questão da desvalorização do docente foi um assunto muito presente nos relatos dos professores. Para esses informantes, a qualidade do ensino também está atrelada à valorização da profissão. O baixo salário foi apontado como um dos fatores que levam à desmotivação do profissional. De acordo com Freire (2011), do lado dos profissionais da educação, ocorre também a negação de sua cidadania, seja pelo

rebaixamento salarial progressivo, seja pela sua desvalorização social, profissional e pelo autoritarismo a que são submetidos pelos órgãos públicos. A fala a seguir corrobora o que foi afirmado:

(...) ensino tem que começar pela valorização do profissional, a base, né, e não ia fazer um profissional ficar rico, não. O profissional nunca vai ficar rico, porque se ele for gastar com tudo o que ele quer... primeira coisa que ele vai gastar é com saúde. Hoje a maioria, se tivesse condições de pagar, hoje ele pagaria um plano de saúde que é um absurdo, e a maioria não tem como. Eu tinha e tive que bloquear por questões financeiras. (Professora B).

Esta fala evidencia que o cuidado com a saúde é prioritário para essa informante; ao mesmo tempo ela demonstra sua frustração com as condições financeiras consideradas insuficientes para ter acesso a um plano de saúde. A desvalorização profissional e as condições precárias de trabalho podem levar à manifestação de sintomas depressivos no professor resultando em absenteísmo, como apontam os resultados do estudo realizado por Filho e Lima-Filho (2009).

Outro fator a ser destacado é a carga horária de trabalho da maioria das entrevistadas. Diante da desvalorização salarial, muitas dessas professoras se submetem a uma carga horária excessiva, como revela uma professora que atua 40 horas pelo município e mais 25 horas pelo Estado, somando-se 65 horas de trabalhos semanais.

Eu tô com 65 horas hoje. Eu não digo que eu estou bem, mas eu tive que abrir mão de algumas coisas para dar um pouquinho mais de qualidade para os meus filhos. Então não tá sobrando; mas eu já pensei em abrir mão. Eu sei que é um pouco de loucura ter 65 horas, mas ou eu faço isso ou eu não consigo fazer o que eu faço hoje, né. E eu não tenho luxo, não tenho luxo. (Professora F).

Esse discurso mostra que, ao ampliar a carga horária com o objetivo de complementar a fonte de renda, essa profissional também amplia sua sobrecarga física e psicológica, o que pode, ao longo do tempo, trazer-lhe prejuízos à sua saúde, sobretudo a saúde mental. De acordo com Silva e Carvalho (2018), a prevenção da depressão entre docentes pode ser efetivada com a redução da sua carga horária e remuneração justa. Além desses fatores, a precariedade dos recursos materiais de uso em sala de aula também pode ter impacto negativo na saúde psicoemocional do professor. O trecho a seguir mostra a desmotivação do professor em desempenhar suas atividades em decorrência dessas condições desfavoráveis.

(...) você tem também as questões de desvalorização. Tudo, tudo tem que ser brigado, tudo tem que ser... sabe? Para você conseguir alguma coisa, você tem que desgastar o último para você conseguir alguma coisa. Então, todos os aspectos emocionais, financeiros, entendeu? Porque hoje um profissional professor ganha R\$ 3.000,00. Vou falar pra você, hoje R\$ 3.000,00 você não pode... Se você falar assim... eu vou ter... eu vou comprar... vou me dedicar a livros, vou fazer uma viagem para conhecer... Você não pode! Você não pode! Então, aí você tem um problema financeiro, emocional e familiar, porque você tem sua vida também. Isso tudo vai te sobrecarregando. (Professora A).

Levando em conta que o profissional também tem sua vida particular e social, ele precisa “abrir mão” de muita coisa para suprir a necessidade financeira da família, dar um pouco mais de conforto e qualidade de vida para os filhos, porém diminuindo sua convivência no lar, como toda a sociedade contemporânea. Entretanto, muitas vezes, cobra-se dos alunos na escola, e, no entanto, a mesma identidade perdida dos pais de estudantes acontece com os filhos desses profissionais.

Contudo, os profissionais que não são os provedores dos lares, em que o esposo tem uma situação financeira diferenciada, que não têm filhos ou são solteiros não reclamam

quanto ao seu salário e nem colocam situações em que passam apertos para pagar uma conta de luz, por exemplo. Na realidade, nos diálogos com esses colaboradores não surgiu o assunto “salário”, mas eles relataram que sempre ao final do ano, nas férias, promovem uma viagem para descansar.

A insatisfação quanto à desvalorização docente se origina da falta de reconhecimento social quanto ao seu desempenho profissional, em que se cobra cada vez mais dos professores, e os deveres dos alunos são esquecidos, pois os pais atribuem, muitas vezes, o fracasso escolar do filho somente ao docente, esquecendo que a família é parte fundamental para o seu desenvolvimento educacional.

(...) hoje os pais querem que a escola eduque, que a escola receba o aluno na hora que ele quer, que o aluno veio pra escola pra fazer do jeito que o pai quer, e nós não estamos aqui pra isso. Nós estamos aqui pra ensinar Português, Matemática, História, Geografia e Ciências, e não educar, ensinar comportamento, como se comportar em todos os setores. Não é essa a função da escola, pelo menos no meu ponto de vista, que eu não sou educadora, sou professora. (Professora F).

(...) eu me preocupo com o futuro, porque eu acho que tá cada vez mais difícil ser professor. Se não mudar, se continuar essa desvalorização, os alunos chegando sem compromisso na escola, os pais jogando responsabilidade pra escola, vai dificultar o trabalho do professor. Porque desde quando eu comecei até agora, já... mudou muito. Os pais estão deixando muito pra escola, muito, carregando muito o professor. Então... (Professora C).

De acordo com a revista Nova Escola (2007), a participação da família é de fundamental importância para que a criança e o adolescente se desenvolvam no meio escolar. Por isso os pais devem ter a preocupação de acompanhar seus filhos e exercerem o direito de

fazerem parte da escola, acompanhando as atividades em casa, os trabalhos, as provas e as notas e, assim, cobrarem seus filhos quando necessário, pois esse acompanhamento ajuda a criança a se desenvolver.

Assim, esses fatores contribuem para o desequilíbrio mental do docente, chegando a um nível de estresse tão elevado que em alguns casos só com o acompanhamento médico, psicológico, farmacêutico e o apoio da família para ele voltar à estabilidade emocional, pois o docente é somente um “pingo de água no oceano”. Por mais que suas ações não mudem a nação, é preciso que ele não desista de mudar as pequenas coisas que estão ao seu alcance.

A percepção do agravamento dos sintomas depressivos

Esse repertório enfatiza os primeiros sintomas e suas variações de acordo com cada docente. Em alguns casos, foram os familiares que acabaram percebendo que havia algo errado; outros foram em busca de tratamento para outras doenças, pois não imaginavam que os sintomas presentes fossem em virtude da depressão. A maioria inicia com a insônia, em que o cérebro não para de pensar, impossibilitando o descanso, passando noites seguidas em claro, o que altera o seu estado de humor e aumenta o estresse, bloqueando a percepção da própria voz. “Eu não dormia, eu vegetava à noite. O que precisava... tudinho o que eu vivia de dia, eu reprisava à noite! E está acontecendo novamente, e, sei lá, é uma coisa que você tem que ter muito respeito por si próprio e cuidar.” (Professora D).

No relato a seguir a participante enfatiza a tristeza, uma tristeza profunda em que o choro era constante e sem nenhum motivo aparente, na qual o desânimo e o desespero invadiam a sua “alma”.

Primeiros sintomas foi de chorar muito! Chorava, chorava, chorava, e não come; a comida não descia. Então, primeiramente, sentia uma tristeza muito grande; começa com uma tristeza muito grande, muita tristeza, muita tristeza, desânimo, não quero fazer nada.

Você não quer nada e chorar; chegava em casa e começava a chorar; chorava, chorava, chorava. O tempo todo chorando, tempo todo chorando, e não me alimentava. Então, tive uma perda muito grande de peso, na questão de 4 meses 5 meses emagrecer mais de 10 quilos. Então, foi onde.... E aí por mais que, assim, a gente começa a ficar irritada, do nada, além da conta, né, e tudo isso afeta, porque o metabolismo da gente para de funcionar como deve. Aí foi onde eu tive que procurar ajuda; fui ao psicólogo, que me encaminhou para o psiquiatra, e, assim, o tratamento foi... tomei medicamentos por dois anos. (Professora F).

A depressão pode estar associada a sintomas ou queixas como tristeza e humor triste. Isso fica bem acentuado no relato da Professora F exposto anteriormente. A tristeza, em alguns casos, pode aparecer em circunstâncias patológicas; deve-se lembrar que é um sentimento normal da vida, mas quando fora de controle precisa de cuidados especializados de profissionais para se ter uma saúde mental equilibrada (Dourado et al., 2018).

Além da tristeza, os sintomas afetivos da Síndrome Depressiva podem vir acompanhados de ansiedade, irritabilidade, angústia e outros (Dalgarrondo, 2008). Por outro lado, na depressão existe uma variação do apetite; para algumas pessoas aumenta, outras diminuem seu apetite e em alguns casos até mesmo o eliminam. No relato seguinte a Professora B deixa mais evidente o que acontece:

A ansiedade, tem pessoas que emagrecem, ficam o couro e o osso, e no meu caso não; eu engordei. Então eu... sabe, quando você come... eu comi dois pratos de comida. Sim! Para não comer mais, sabe, só levava à boca. Para não comer mais, para comer mais. Foi. Tava tudo errado. Tudo tava errado! Eu saía de casa, eu ia num bar que tinha, não aqui na esquina, eu ia para buscar duas barras de chocolate para comer. Barra grande de chocolate! Então, assim, tudo ficou...

Foram relatadas pelos participantes dor no peito e nos braços, falta de ar, ânsia de vômito, vontade de chorar sem nem ter uma razão aparente, dor de cabeça constante, desde o levantar da cama até o anoitecer.

Daí era dor de cabeça e ânsia de vômito de vez em quando. Vira e mexe eu ia fazer exame de gravidez para saber se eu estava grávida, porque era dor de cabeça e ânsia de vômito, ânsia de vômito. Mas era consequência, né, braço e dor no peito que parecia que ia estourar o peito, assim, não era coração, a caixa até eu chegava a pensar que eu estava com pneumonia. Uma vez até fiz um raio-x achando que era pneumonia, porque doía tanto a frente quanto atrás. (Professora B).

E os problemas vão aumentando, seja no trabalho, seja em casa, prejudicando sua vida conjugal, desencadeando uma série de outros problemas e as causas desconhecidas, no momento, sem a percepção, atribuindo sempre a terceiros ou, às vezes, até a si mesmo, porém se vitimizando. Contudo, os outros não deixam de ser suas vítimas até a conscientização da sua doença, quando serão capazes de auxiliar na mudança do quadro.

E por incrível que pareça eu só queria bater nos meus filhos. Eu perdi, assim, a noção! Eu gritava demais, eu queria só bater, não tinha paciência, meu filho chorava, porque aquilo parece que não, são pequenininho e tava... Era um bebezinho na época, né. Quando ele chorava, meu Deus do céu! Eu tinha vontade de abrir aquele portão e correr pela rua gritando. Eu gritando. Nossa eu falo agora dá vontade de chorar, porque eu sei que eu deixei meus filhos sentir aquilo, que eu não queria que ele estivesse sentindo [os olhos se enchem de lágrimas]. (Professora B).

Nessa perspectiva, Dalgarrondo (2008) afirma que a irritabilidade está relacionada às alterações de esfera instintiva e neurovegetativa, que são sintomas provocados pela Síndrome Depressiva, até chegar ao ápice da doença, as alterações ideativas, em que o fim e

o desejo de sumir estão presentes, e, em consequência, esses pacientes acabam idealizando a morte.

Eu, portanto, uma vez fui viajar com meu marido de caminhão já que estava na estrada. Um dia eu quase que, eu caí do caminhão, me deu uma vontade de me jogar! Sim, meu Deus, sim, sim! Você já estava... não... não! Você não quer mais dar trabalho, você não quer... você quer resolver isso. Então, eu cheguei num ponto que... você quer resolver! Você... Eu falo que isso não é nem de Deus. (Professora B).

Entretanto, mesmo diante de todo esse mal-estar, tristeza, desânimo e indiferença, não sobrando tempo para ir ao médico, todas elas foram deixando o tempo passar, até chegarem ao limite e serem obrigadas a procurar um médico.

Mas é aquele negócio, assim, de que depois eu paro. Deixa eu... vou dar só mais essa aula, vou fechar só mais esse bimestre, não, só mais esse ano, e o ano que vem eu vou me cuidar, então, final do ano eu vou fazer um tratamento, vou procurar um médico, isso, isso... (Professora B).

A parte do suicídio, quando o assunto surgiu, com lágrimas nos olhos, foi muito doloroso. A maioria não se aprofundou, mas uma delas afirmou que chegou a esse ponto, que passou muitas coisas ruins pela cabeça, motivo pelo qual ficou claro que precisava de acompanhamento psicológico. Por outro lado, mesmo não tendo vontade de acabar com a vida, um professor com problemas psicológicos é muito perigoso em sala de aula, porque, diante da irritabilidade, do estresse, pode causar danos irreparáveis nos alunos, prejudicando até mesmo seu progresso.

[...] tive uma crise muito violenta, e aí eu tomava frontal e fluoxetina. Como eu disse, acima de tudo é aquelas crianças, porque senão você chega e... [gesto de estrangulamento], coisa que não passa na minha cabeça, não passa pela minha cabeça.

Nunca, eu nunca tive pensamentos, sabe, eu me judio de mim, é... Eu... tem profissionais que devido ao sofrimento vem a ira, pode até machucar uma criança. No meu caso não, até agora nunca passou. Então, eu ainda tenho essa chance, né. (Professora D).

O uso de medicamentos, especialmente os antidepressivos, pelos professores nas últimas décadas tem ganhado destaque nas pesquisas. Em um estudo com 106 professores realizado por Segat e Diefenthaler (2013), no Município de Erechim, RS, encontrou alta prevalência do uso de medicamentos antidepressivos, relatado por 37 (34,9%) dos entrevistados. Em razão da alta prevalência de depressão na população mundial, Soares, Oliveira e Batista (2017) afirmam que se faz necessário ampliar o nível de conhecimento sobre o emprego de antidepressivos, pois a depressão pode estar associada a um número expressivo de outras condições clínicas ou pode ser a consequência paralela de algum medicamento.

Outro fato a ser considerado é o afastamento temporário do trabalho relatado por três entrevistadas. Quevedo e Silva (2013) afirmam que a depressão tende a causar problemas em diversas áreas, incluindo educação, estabilidade de relacionamentos, emprego e sucesso financeiro. Desse modo, além do desenvolvimento da depressão, a maioria dos profissionais desenvolveu também a síndrome do pânico; segundo relatos, os sintomas presentes eram medo da perda de filhos, de acidente, de perseguição, sensação de roubo, invasão domiciliar, sendo que conferiam frequentemente as portas e janelas no decorrer da noite, até o ponto de pensamentos suicidas.

Mas não se atribui somente à cobrança do sistema, que foi algo muito frisado pelos colaboradores, a responsabilidade e os problemas que permeiam a área docente, tanto da comunidade estudantil, da família, da não valorização docente, da falta de apoio, de recursos, de suporte, como também os problemas familiares, as separações, as perdas por motivo de

morte, as doenças de filhos, o próprio convívio com os colegas de trabalho, mudança de cidade e vários outros fatores, alegando, então, o acúmulo de situações, e não somente a área docente.

A prática docente e os problemas emocionais vivenciados no âmbito escolar

Nesse repertório, os discursos dos informantes estão voltados para a relação professor-aluno. Chama atenção o fato de que para alguns dos professores o adoecimento não afeta essa relação. Pelo contrário, muitas vezes, o vínculo com os alunos é percebido como motivador para exercer sua função. Para algumas das entrevistadas, esse vínculo parece até mesmo aliviar o sofrimento.

[...] eu ainda me sinto motivada a levantar todos os dias e ensinar para os meus alunos. Eu ainda me sinto! Eu ainda tenho: há vou fazer isso, vou fazer aquilo, outro, esse projeto. Eu ainda tenho isso dentro de mim, eu acredito nisso! Entendeu? E, assim, talvez eu seja desanimada por outras questões, mas eu ainda quero vir para escola, eu ainda quero dar aula. Eu gosto de dar aula, eu gosto de ensinar. Eu acho que eu faço bem isso, entendeu? (Professora A).

Em nenhum momento as professoras atribuem a culpa da doença aos educandos, mas ao sistema. Os problemas que vêm em decorrência da própria mudança social, em que os *modus* de vida influenciam diretamente na sociedade estudantil e no fazer do professor, que, por mais que tente, não consegue avançar, ficando a todo o tempo envolvido com funções que não são de sua responsabilidade, perdendo-se, assim, a qualidade da educação. Muitas vezes a doença foi atribuída aos problemas externos, familiares, principalmente a problemas matrimoniais, aos conflitos no lar. Esse foi um dos problemas que, segundo as colaboradoras, desencadearam o transtorno depressivo. O relato a seguir enfatiza isso:

Questões externas! Eu não vou atribuir isso ao meu trabalho, não, ixi. Eu tive muitos

problemas! Eu tive problema de relacionamento, tive problemas de saúde dos meus filhos, né, que aconteceu, então, eu tive problema de ficar longe da minha família, desse meu filho que ficou numa cidade, e eu fiquei em outra. Então, isso, assim... isso acumulou, aí junta tudo, porque não é... Vem só um índice, vem só de um acúmulo. É um acúmulo de coisas, não é de agora, é de coisas passadas. (Professora A).

Contudo, ao se observar as falas, fica visível que os problemas envoltos na profissão docente, sejam eles em razão do sistema, da sociedade, sejam da própria essência da função, influenciam nas questões exteriores ao ambiente escolar, trazendo fatores que inviabilizam as relações, transformando-se em situações insustentáveis. “[...] esses problemas vão te entristecer... que nós sabemos que a gente passa por alunos que sofrem violência sexual... eu tive um aluno que foi violentado pelo pai com quatro anos de idade; ele estudava comigo. Então, assim, são problemas que nos deixam tristes.” (Professora F).

Nesse caso, Pinheiro et al. (2017) afirmam que a escola como ponto referencial nesse processo de saúde integral da criança passa a ser um campo estratégico e privilegiado por compor uma gama de possibilidades que contempla a relação de professor e aluno, visto que esta possibilita a identificação de problemas emocionais e comportamentais.

Porém, a percepção é justamente contrária, em que os problemas pessoais dos profissionais afetaram o desenvolvimento do seu trabalho, sendo necessário tratamento psicológico para posteriormente voltarem a desenvolver suas atividades profissionais.

Então, assim, são problemas que nos deixam tristes, mas eu vou resolver o problema sozinha? Eu vou deixar esse problema me afetar a ponto de adoecer? Não! Então, assim, o problema não foi nem descoberto na escola, foi descoberto fora da escola. Assim, então, não deixar essas coisas afetar o teu emocional. Nós somos humanos. Aí assim essas coisas acontecem. Você lida com criança carente, que não traz material, que não

entende; mas o problema não está na escola, foi na casa. Quem sabe lidar com o aluno mediante aquela realidade que ele vive! Não vai adiantar eu querer transformar uma criança se a família... eu tenho que trabalhar nele isso? Tenho! Mas eu não vou ver um efeito de agora para agora. (Professora F).

Dessa forma, em razão de toda essa dificuldade que os docentes passam no trabalho no âmbito escolar, com a carência de materiais, com a dificuldade nas relações familiares e sem o apoio das pessoas envolvidas, do Estado, dos gestores escolares, dos pais e dos alunos (Soares, Oliveira, & Batista, 2017), verifica-se que essa classe trabalhadora faz parte de um grupo de fácil adoecimento mental, e isso é um lástima, visto que esse trabalhador deve ser tratado com todo o respeito, pois o país depende dessa linda profissão para formar e manter uma nação.

Considerações Finais

Por intermédio desta pesquisa foi possível observar e identificar alguns sentimentos e sintomas do transtorno depressivo e sua relação com o ambiente de trabalho dos profissionais docentes da rede pública municipal de Rolim de Moura. Foi possível fazer uma reflexão do quanto a vida profissional pode interferir na vida psíquica do indivíduo. Dado o exposto, após um breve levantamento bibliográfico acerca do trabalho docente e da depressão, foi possível identificar que as literaturas citadas vão ao encontro das falas coletadas quanto ao desenvolvimento de problemas psíquicos em docentes.

Nessa perspectiva, notam-se alguns pontos relevantes: a desvalorização profissional, a falta de motivação, a alta insalubridade, a sobrecarga de trabalho, entre outros. Percebe-se, então, que são vários os fatores que podem levar um educador a desencadear um quadro depressivo. Levando em conta o que foi observado, nota-se que é a junção de situações no ambiente de trabalho, familiar e social e no aspecto econômico que pode alterar o estado do

indivíduo, e, assim, causar uma sobrecarga psicológica.

Essa sobrecarga diária altera as emoções, os pensamentos e os comportamentos dos educadores, os quais acabam ficando mais vulneráveis e, portanto, desenvolvendo algum problema de saúde. Em alguns casos esses profissionais demoram para buscar uma ajuda específica, com vergonha do que as outras pessoas vão pensar, com medo de se expor ao ridículo, o que dificulta o diagnóstico precoce, visto que a saúde mental ainda é vista sem a valorização necessária nesse meio, ficando sempre para depois.

Embora esses resultados tenham respondido os objetivos do estudo, é preciso destacar que algumas limitações foram apresentadas. O número reduzido de participantes e de escolas investigadas impedem uma visão mais ampla da problemática. Outros professores que atuam em outros locais podem vivenciar realidades diferentes, ainda que morando na mesma região. Outra lacuna identificada foi a falta de acesso ao prontuário dos participantes. Vale lembrar que o termo “depressão” é muito amplo, e nesse caso, o diagnóstico pode revelar níveis e características sintomatológicas diferentes entre esses profissionais.

Diante disso, a mudança deve começar pela própria sociedade, mudar princípios e conceitos, chegando-se à valorização da saúde mental. Por fim, é necessário que outras pesquisas sejam realizadas nessa área para mostrar a quão deficitária se encontra a saúde psíquica de gestores, professores, funcionários, alunos e familiares, visto que a educação abrange todos os envolvidos e que é a base de tudo, pois nela se reflete todo o sistema dentro e fora da educação.

Referências

- American Psychiatric Association (2014). *DSM-5*. Porto alegre: Artmed.
- Batista, J. B. V., Carlotto, M. S., & Moreira, A. M. (2013). Depressão como causa de afastamento do trabalho: um estudo com professores do ensino fundamental. *Psico*,

44(2).

- Batista, E. C., Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), p.23-38.
- Carvalho, F. M., & Barbalho, L. (2006). Docência e exaustão emocional. *Educ. Soc.*, 27(94), 229-253.
- CID-10. (2012). *Classificação estatística internacional e problemas relacionados à saúde*. São Paulo: Edusp.
- Cunha, A. G. (2010). *Dicionário etimológico: nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Dalgalarrodo, P. (2008). *Psicopatologias e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Diniz, M. (2001). Do que sofrem as mulheres professoras? In E. M. T. Lopes (Ed.). *A psicanálise escuta a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Dourado, D. M., Rolim, J. A., Ahnerth, N. M. S., Gonzaga, N. M., & Batista, E. C. (2018). Ansiedade e depressão em cuidador familiar de pessoa com transtorno mental. *ECOS- Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(1), 153-167.
- Edwards, D. (2004). Psicologia Discursiva: teoria da ligação e método com um exemplo. In L. Inigues (Ed.) *Manual de análise do discurso*. (pp. 181-205), Petrópolis: Vozes.
- Fernández, A. (2007). *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Fonseca, P. N. D., Chaves, S. S. D. S., & Gouveia, V. V. (2006). Professores do ensino fundamental e bem-estar subjetivo: uma explicação baseada em valores. *PsicoUSF*, 11(1), 45-52.

- Freire, P. (2011). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2013). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gasparini, S. M., Barreto, S. M., & Assunção, A. Á. (2006). Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 2679-2691.
- Júnior, E. G., Canêo, L. C., & Lunardelli, M. C. F. (2009). Considerações sobre o transtorno depressivo no trabalho. *Rev. Bras. Saúde Ocup.*, 34(119), 79-87.
- Kruppa, S. M. P. (2017). *Sociologia da Educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- Lima, É. J. C. J., Leite, E. A. (2013). *Docência e a depressão: fatores predominantes no processo*. Recuperado de: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24_512_12130.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2019.
- Lima, M. D. F. E. M., & Lima-Filho, D. O. (2009). Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências & Cognição*, 14(3), 62-82.
- Louro, G. L. (2001). Mulheres na sala de aula. In M. D. Priore. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Moretto, V. P. (2010). *Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Nakamura, E., & Santos, J. Q. D. (2007). Depressão infantil: abordagem antropológica. *Revista de saúde pública*, 41, 53-60.
- Nascimento, M. I. C. et al. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Nova Escola. (2007). *A educação vista pelos olhos do professor*. São Paulo: Abril.

OPAS/OMS Brasil. *Folha informativa – Depressão*. 2018. Recuperado de: www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095

Pinheiro, M. N., Sousa, W. D. C., Feitosa, J. R. T., & Batista, E. C. (2017). Identificação e compreensão de sintomas depressivos na infância em contexto escolar: desafios contemporâneos do educador. *Revista Pedagógica*, 19(40), 155-171. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v19i40.3748>.

Potter, J., Wetherell, M. *Discourse and social psychology*. London: Sage Publications, 1987.

Quevedo, J., & Silva, A. G. (2013). *Depressão: Teoria e Clínica*. Porto Alegre: Artmed.

Rasera, E. F. (2013). A Psicologia Discursiva nos estudos em Psicologia Social e Saúde. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(3), 815-834.

Segat, E., & Diefenthaler, H. S. (2013). Uso de medicamentos antidepressivos por professores de escolas de diferentes redes de ensino em um município do norte do Rio Grande do Sul. *Rev. Perspectiva*, 37(137), 45-54.

Silva, T. R., & Carvalho, E. A. (2018). Depressão em professores universitários: uma revisão da literatura brasileira. *Revista Uningá Review*, 28(1), 113-117.

Soares, M. M., Oliveira, T. G. D. D., & Batista, E. C. (2017). O uso de antidepressivos por professores: uma revisão bibliográfica. *Revista de Educação do Vale do São Francisco-REVASF*, 7(12), 100-117.

Tokarnia, M. *Saúde do professor está ligada a boas condições de trabalho, diz CNTE*. Recuperado de: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-10/saude-do-professor-esta-ligada-boas-condicoes-de-trabalho-diz-cnte>

Tostes, M. V., Albuquerque, G. S. C. D., Silva, M. J. D. S., & Petterle, R. R. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde em Debate*, 42, 87-99. DOI:

<https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>.

World Mental Health Consortium (2010). *Primeiros resultados do estudo epidemiológico nacional de saúde mental*. Comunicação apresentada na Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Submissão: 26/05/2019

Última revisão: 18/06/2019

Aceite final: 01/07/2019